

FAVELAS E PERIFERIAS URBANAS: aspectos do cotidiano popular

Mario Brum¹
Leandro Benmergui²
Rafael Soares Gonçalves³

Periferia e Favela... por muito tempo, esses dois conceitos foram construídos a partir de dois eixos que os definiam: o da *distância* e/ou o da *ausência*. Esses eixos em si, mais do que explicar, acabavam por criar quimeras sobre a *favela* e a *periferia*, reificando os seus lugares mais simbolicamente do que espacialmente; mais tratando-os como *lócus* de problemas do que de soluções; mais vendo seus moradores como vítimas do que como sujeitos.

Em anos mais recentes, tanto o debate sobre a favela quanto sobre a *periferia*, ou melhor dizendo, sobre *favelas* e *periferias*, foi sendo modificado por dois processos intensamente imbricados. O primeiro deles é uma mirada mais ampla das ciências humanas em geral, que possibilitou uma mirada não para a favela ou para a periferia a partir de um *centro*, ou um lugar certo (*bairro; cidade formal*) definidores do quanto as outras formas e localizações estavam distantes (a ponto de, no caso da periferia, essa ser vista apenas como uma cidade-dormitório, imagem que povoou o pensamento acadêmico) ou do que a faltava.

¹ Doutor em História pela UFF com pós-doutorado em Educação em Periferias Urbanas pela UERJ e também em Planejamento Urbano pelo IPPUR/UFRJ, pesquisador associado ao IERJ e ao INCT-Propriedas. É autor do livro *Cidade Alta* (Ponteio, 2012) e de diversos artigos sobre questões urbanas, políticas públicas, movimentos sociais e Educação.

² Doutor em História pela University of Maryland com pos-doutorado em Serviço Social pela PUC-Rio. E professor de história em Purchase College, State University of New York onde dirige o Programa de Estudos da América Latina, Caribe, e Latinx. Também dirige Casa Purchase, An Outreach Center for Latin American Studies, trabalhando com as comunidades latinas das periferias de Nova Iorque. Sua pesquisa trabalha aspectos transnacionais da política habitacional na América Latina.

³ Advogado, doutor em História pela Université de Paris VII com pós-doutorado em Antropologia pela EHESS. Professor associado do Departamento de Serviço Social da PUC-Rio. Coordenador do Laboratório de Estudos Urbanos e Socioambientais (LEUS) e Editor científico da Revista O Social em Questão. Pesquisador da FAPERJ (Jovem Cientista do Nosso Estado) e Pesquisador de produtividade do CNPq.

As favelas e as periferias passaram a serem olhadas de si, e muitas vezes por si. E esse é o segundo elemento que trazemos, o da expansão, ainda que incompleta e atualmente sob ataque, do acesso à universidade de pesquisadores periféricos, negros e negras, homens, mulheres, lgbts que tem a periferia como um conceito central para seu pensamento e sua práxis, acadêmica ou não.

Não a periferia que mora longe ou 'fora' do centro, não a favela que carece, mas as favelas e periferias que criam, que recriam a que se mostram como potência e que trazem nas mais diversas formas, arenas e pensamentos que formam o cotidiano das periferias. Com suas lutas, inclusive.

Assim, os artigos dos autores e autoras que integram o presente dossiê *Favelas e periferias urbanas: aspectos do cotidiano popular* problematizam diferentes aspectos da vida cotidiana, que definem a experiência de se viver em periferias urbanas, com seus contornos variáveis em escalas e sentidos. O esforço aqui visa alimentar a reflexão sobre a experiência cotidiana em locais e bairros, que muitas vezes são excluídas dos trabalhos acadêmicos, ou são abordados permeados por preconceitos, mas que são centrais nas experiências de vida de grande parte da população.

De diferentes perspectivas, os artigos coincidem na definição desta experiência como uma experiência marcada em relação ao que muitos autores descrevem como a ausência do Estado quando, como muitos destes trabalhos mostram também, não seria tanto a falta do Estado, mas a forma como o Estado se manifesta nesses espaços, seja reprimindo, seja com políticas públicas diferenciadas, que produzem e reproduzem as desigualdades urbanas e, portanto, sociais. Em todos os casos, são os próprios habitantes dessas áreas, que desenrolam suas vidas, resolvendo, de forma própria, conforme o caso, sua relação com o espaço e as formas sociais que o organizam. Mais do que denunciar as ausências e dificuldades, os artigos dialogam com as potencialidades e possibilidades, que emergem desses espaços e que trazem a possibilidade de construir uma pauta política mais includente.

Nesse contexto, **Diogo Silva Nascimento e Lourenço Silva do Nascimento**, no artigo **Lazer e Favela: o Morro do Timbau e seu Arraiá da**

(Re)existência procuraram retrabalhar as representantes vinculadas ao complexo de favelas da Maré, superando as narrativas pejorativas, centradas sobre a violência. O trabalho analisa a maneira como se configuraram as memórias, sociabilidades e identidades locais, tecidas através das experiências fomentadas em uma das primeiras festas registradas na região, o Arraiá do Bico Mudo. O trabalho descreve como os moradores buscaram resistir em um território marcado historicamente pela precarização e abandono do poder público. Analisa o empenho dos moradores em dar visibilidade às experiências, que contestam o estigma do bairro, apresentando uma narrativa que valoriza as afetividades, as sociabilidades, as memórias e as construções identitárias construídas à partir do lazer.

Ainda sobre o debate de resistência, o artigo **O Museu das remoções somos nós - Cotidiano e memórias na (e da) Vila Autódromo**, de Taisa Sanches, aborda também a importância dos usos da memória através da construção do Museu das Remoções na Vila Autódromo. A autora analisa também os usos das memórias na construção do cotidiano da Vila Autódromo atual, analisando como o Museu das Remoções se tornou importante ferramenta de ressignificação local e de crítica a um modelo segregador e elitista de urbanismo.

Na mesma seara, no artigo **Memória não se remove - Heritage as a Political Strategy Against Forced Eviction**, Jennifer Chilson traz as diversas formas de luta contra as políticas de remoção que visaram diversas favelas do Rio na última década. Essas formas diversas, sem se abster das manifestações de rua, ações na Justiça e articulação com agentes públicos, incluem a construção de narrativas contra-hegemônicas destacando a cultura, a memória e o patrimônio das favelas.

Adjovanes Thadeu Siva de Almeida, por sua vez, no artigo **Debret e a Presença negra na cidade do Rio de Janeiro - 1816/1831**, discute a presença do negro na obra de Debret, em especial naquelas que possuíam a cidade do Rio de Janeiro como cenário. As ilustrações selecionadas pelo autor possibilitaram descrever o cotidiano de pessoas escravizadas na capital do império, uma cidade tropical e periférica no mundo capitalista oitocentista. Tal

cotidiano é permeado pela violência intrínseca às práticas escravistas e a constatação que a presença do trabalho de negros escravizados deixou marcas na cidade do Rio de Janeiro, e cujos vestígios sobrevivem até a atualidade.

Ainda no quadro das representações, **Marco Chandia Araya**, no **artigo El imaginario urbano-porteño y popular del litoral subpanameño**, analisa o imaginário do habitat portuário da costa pacífica ao sul do Panamá até a Patagônia chilena. De forma transdisciplinar, o artigo estuda o modo de habitar o espaço forjado na experiência histórica, que estabelece o homem com seu meio. O habitar é afetado por processos modernizadores, mas as cidades portuárias da costa do pacífico não se enquadravam no projeto modernizador periférico latino-americano, representado por Buenos Aires, Montevideo ou Rio de Janeiro. O artigo analisa, assim, a literatura dessa zona como proposta de resistência, questionando as diferentes estratégias de dominação. O artigo defende, ainda, que o habitar e a literatura conformam uma espécie de discurso, que dá visibilidade a um espaço social ao inseri-lo na literatura latino-americana.

O artigo de **Eric Alves Gallo**, **Educação patrimonial em contexto periférico: Preservação da igreja de São Daniel em Manguinhos/RJ**, nos coloca na relação entre os habitantes de Manguinhos com a Igreja de São Daniel, construída no início dos anos 60 pelo arquiteto Oscar Niemeyer. Como analisa o autor, a igreja perdeu sua centralidade espacial na favela e o seu entorno se deteriorou muito. A violência armada deixa suas marcas não apenas nos habitantes, mas também nas estruturas através das quais circulam, incluindo os buracos de bala nas paredes da igreja e seus vitrais. No entanto, é a participação social e a organização política dos moradores, que assumem a preservação desse patrimônio. Como o autor aponta, a apropriação de bens culturais nos fala das estratégias dos moradores para preservar uma memória e identidade coletiva sempre em tensão com as dificuldades associadas à vida em um espaço com políticas públicas sempre interrompidas ou em uma situação de abandono. A educação patrimonial, portanto, é uma parte fundamental da construção dos sentidos sociais sobre o espaço e a comunidade.

Ainda sobre o debate de patrimônio nas periferias, o artigo **O lugar da favela como patrimônio no Município de Miracema/RJ**, de **Talise Lima Venancio e Aline dos Santos Portilho**, procura refletir sobre a constituição da favela como patrimônio e paisagem cultural na cidade de Miracema. Quarta cidade com maior número de bens tombados no Estado, não compreende suas favelas como passíveis de proteção também. Segundo as autoras, tais espaços manifestam particularidades nos parâmetros internos de planejamento urbanístico, com multiplicidade de usos e funções e heterogeneidade das tipologias construtivas. Assim, como paisagens urbanas, são meritórias de proteção também por seus aspectos imateriais (expressões artísticas, manifestações, ritos, festas e celebrações), que mantêm vivas as memórias coletivas e propulsionam a conservação de sua cultura. Apesar das representações negativas associadas a esses espaços, o artigo sustenta que as favelas são patrimônios “vivos” essenciais para a sociedade miracemense, constituindo elemento indispensável para a compreensão de suas múltiplas dimensões.

O trabalho de **Claudia Muniz, Cortiços e patrimônio nos anos 1980: tristes desfechos no bairro da Bela Vista, em São Paulo**, nos leva à realidade da luta pela defesa do patrimônio popular para outra metrópole brasileira. O bairro da Bela Vista, popularmente conhecido como Bexiga na cidade de São Paulo, contribuiu para a problematização conceitual da ideia de subúrbio, que deve ser definida em seus próprios contextos e particularidades. O artigo retoma a questão do patrimônio e da memória coletiva e analisa as relações de poder entre moradores, incorporadores imobiliários, município e a questão da preservação nos anos oitenta, durante a administração local de Janio Quadros, quando aquela área central da cidade sofreu o avanço devastador dos tratores e da especulação. Embora esta área tenha sido ocupada ilegalmente nos anos 60 e tenha sido objeto de políticas que procuraram eliminá-la, enfatizando sua condição degradada, foram os próprios moradores do bairro, junto ao Departamento de Patrimônio Histórico da cidade, que procuraram preservar o local, argumentando seu valor arquitetônico.

Marcelo Ribeiro Sales e Letícia de Luna Freire, no artigo **Ter fé e resistir: as ações da Paróquia São Simão em um cotidiano de violência em Belford Roxo**, analisam as resistências e lutas no contexto da violência urbana. O artigo analisa o trabalho realizado em uma paróquia da Igreja Católica em um bairro do município de Belford Roxo, na Baixada Fluminense, no enfrentamento da violência na região, historicamente ligada à presença de grupos de extermínio e suas práticas de terror. Mais especificamente, o trabalho aborda os movimentos que emergiram no interior da Paróquia São Simão - centrados na atuação do bispo Dom Adriano Hypólito e do padre Luigi Bruno - fomentando ações de denúncia e resistência a esse problema social, entre as décadas de 1970 e 1990. A Paróquia, como demonstram os autores, procurou não apenas transmitir os preceitos religiosos, mas conscientizar a população acerca dos problemas sociais e contribuir na luta pela defesa dos direitos humanos.

Ainda sobre a Baixada Fluminense, o trabalho, **As desigualdades socioespaciais na periferia metropolitana: o exemplo do município de Nilópolis (RJ)**, de Enderson Albuquerque e Miguel Angel Ribeiro analisa, com base nos dados estatísticos do IBGE, analisa a produção das desigualdades sócio-espaciais nessa região do Estado, com base no estudo do município de Nilópolis. Os autores abordam, inicialmente, a relação centro-periferia para explicar a desigualdade entre Nilópolis e a cidade do Rio de Janeiro. O tamanho relativamente pequeno do município em relação a outros na Baixada, a falta de políticas públicas materializadas no escasso equipamento urbano coletivo e na precária regulamentação do uso do solo e do mercado imobiliário, reforçam a periferização desta área. O artigo propõe, ainda, pensar Nilópolis como uma "periferia dentro da periferia", ou seja, levando em conta a relação com outros municípios mais dinâmicos da Baixada, como Duque de Caxias e Nova Iguaçu. Aqui estão algumas perguntas interessantes para pensar a complexidade das relações centro e periferia: as periferias não devem ser refletidas somente em contraposição ao centro consolidado, mas também como dialogam com o conjunto da área metropolitana onde estão inseridas.

A questão da produção de sentidos e representações sobre o ambiente e as situações cotidianas com as quais a população das periferias carioca coexiste

é abordada no trabalho de **Celia Marcia e Rita Lima, A ação da polícia e seus efeitos na construção identitária de crianças pequenas.** A análise se concentra na forma como as crianças socializam e representam a polícia e suas ações. A presença da UPP tem sido parte do cotidiano das crianças, assim como a ação do narcotráfico (em alguns casos com a participação de membros de suas famílias). Como demonstra o trabalho de campo realizado junto às crianças, a polícia é percebida por elas sempre com medo e como uma agressão em potencial. Desta forma, as crianças entrevistadas relatam uma situação de vida, que associa os agentes estatais, que deveriam estar cuidando de sua segurança, como fonte de conflitos e que reforçam ainda mais situações de vulnerabilidade.

Este dossiê sobre periferias também inclui uma resenha, feita por Carlos Eduardo Dias Souza, do livro **Diálogos Suburbanos: identidades e lugares na construção da cidade, coordenado por Joaquim Justino Santos, Rafael Mattoso e Teresa Guilhon.** Esta obra é resultado do trabalho do coletivo Diálogos Suburbanos, que vem buscando recuperar o debate sobre o subúrbio. A reflexão realizada pelo coletivo se materializou neste livro, que demonstra a importância de se aprofundar os estudos da periferia carioca a partir do esforço de colocar a experiência da periferia no centro do debate. Sem dúvida, isto não tira o fato de que as desigualdades espaciais são produzidas, mas tenta recuperar uma história, uma identidade e uma experiência que não se reduz simplesmente ao que falta aos subúrbios em relação ao resto da cidade.

Assim, esse dossiê se constitui numa abordagem marcada por ser uma produção sobre periferias, na revista de um Programa de Pós Graduação localizado na periferia, com artigos que têm em sua maioria, autores e autoras periféricos. Esperamos que as características desse dossiê sejam cada vez mais centrais nos debates acadêmicos, políticos e cotidianos.